

**ANN
NAPOLITANO**

QUERIDO EDWARD

Tradução
LÍGIA AZEVEDO

**pa
ra
le
la**

12 de junho de 2013

7h45

O aeroporto de Newark parece novinho em folha depois de uma reforma. Ao longo de todas as curvas da fila para passar pelo controle de segurança há vasos de plantas, assim os passageiros não se dão conta de quanto tempo vão ter que esperar. As pessoas se apoiam nas paredes ou se sentam sobre as malas. Todas acordaram antes do amanhecer. Dão longos e fortes suspiros, mortas de exaustão.

Quando chega a vez da família Adler, todos colocam seus computadores e sapatos nas bandejas. Bruce Adler tira o cinto, o enrola e o encaixa direitinho ao lado dos mocassins marrons na caixa de plástico cinza. Os filhos não são tão cuidadosos e jogam os tênis por cima dos laptops e das carteiras. Os cadarços pendem para fora da bandeja compartilhada pela família, e Bruce não deixa de ajeitá-los para dentro.

A grande placa retangular ao lado deles indica: *Todos os celulares, carteiras, chaves, joias, aparelhos eletrônicos, computadores, tablets, objetos metálicos, sapatos, cintos e alimentos devem ser colocados nas bandejas de segurança. Todos os objetos proibidos e bebidas devem ser descartados.*

Bruce e Jane Adler estão ao lado do filho Eddie, de doze anos, cada um de um lado, conforme se aproximam do escâner corporal. O filho de quinze anos, Jordan, espera os dois passarem primeiro.

Jordan diz ao agente de segurança que controla a máquina: "Me recuso".

O agente olha para ele. "O que você disse?"

O menino enfia as mãos nos bolsos e responde: “Me recuso a passar pelo aparelho”.

O agente grita, aparentemente sem um interlocutor em especial: “Temos uma recusa masculina!”.

“Jordan”, o pai chama, do outro lado do aparelho. “O que está fazendo?”

O menino dá de ombros. “É um retrodifusor de corpo inteiro, pai. O escâner corporal mais perigoso e menos efetivo do mercado. Li a respeito, e não vou passar por ele.”

Bruce, que está a dez metros de distância e sabe que não vão deixar que volte para ficar com o filho, fica em silêncio. Não quer que Jordan diga nem uma palavra mais.

“Dê um passo para o lado, garoto”, o agente orienta. “Você está segurando a fila.”

Depois que o menino obedece, o agente diz: “Olha, é muito mais fácil e agradável passar pela máquina que deixar aquele cara ali te revistar. A revista manual é *bem* completa, entende?”.

O menino tira o cabelo da testa. Cresceu quinze centímetros no último ano, e é um palito. Como a mãe e o irmão, tem um cabelo enrolado que cresce tão rápido que é impossível mantê-lo sob controle. O cabelo do pai é curto e branco. Ficou assim quando Bruce tinha vinte e sete, ano em que Jordan nasceu. Bruce gosta de apontar para a própria cabeça e dizer ao filho: *Olha o que você fez comigo*. Agora, o menino sabe que o pai o observa atentamente, como se tentasse lhe transmitir um pouco de bom senso.

Jordan diz: “Não vou passar por essa máquina por quatro motivos. Quer saber quais são?”.

O agente parece achar graça. Não é o único prestando atenção no menino agora; todos os passageiros em volta estão ouvindo.

“Ah, meu Deus”, Bruce solta, baixo.

Eddie Adler pega a mão da mãe pela primeira vez em pelo menos um ano. Ver os pais preparando aquela mudança de Nova York para Los Angeles – no Grande Levante, como o pai chamava – lhe dera frio na barriga. Agora, Eddie sente o intestino se contorcendo, e se pergunta se há um banheiro por perto. “Devíamos ter ficado com ele”, comenta.

“Vai ficar tudo bem”, Jane diz a si mesma tanto quanto ao filho. O olhar do marido continua fixo em Jordan, mas ela não suporta olhar. Em vez disso, foca no prazer tátil da mão do outro filho na dela. Estava com saudade disso. *Resolveríamos tanta coisa se simplesmente ficássemos mais de mãos dadas*, ela pensa.

O agente de segurança abre o peito. “Manda, garoto.”

Jordan ergue os dedos, pronto para contar: “Primeiro: prefiro limitar minha exposição à radiação. Segundo: não acredito que essa tecnologia impeça o terrorismo. Terceiro: acho nojento que o governo queira tirar fotos do meu pinto. E quarto...”. Respira fundo. “Acho que a pose que a pessoa é forçada a fazer dentro da máquina, com as mãos para cima, como se estivesse sendo assaltada, tem a intenção de fazer com que se sintam impotente e diminuída.”

O agente de segurança não está mais sorrindo. Ele olha em volta. Não sabe dizer se o menino está tirando sarro dele ou não.

Crispin Cox está ali perto, parado em sua cadeira de rodas, esperando que agentes verifiquem se não há explosivos nela. É idoso e não se conforma com aquele procedimento. Procurar explosivos na cadeira de rodas! Se tivesse ar de sobra nos pulmões, não deixaria. Quem esses idiotas pensam que são? Quem acham que ele é? Já não é horrível estar numa cadeira de rodas e ter que viajar com uma enfermeira? “Anda logo com a porcaria da revista do menino”, Crispin reclama.

Faz décadas que ele faz exigências, e quase nunca o desobedecem. Seu tom de voz acaba com a indecisão do agente, de forma tão definitiva quanto a mão de um carateca faixa preta quebrando uma tábua de madeira. O agente aponta na direção de um colega, que manda Jordan abrir as pernas e os braços. A família do menino acompanha horrorizada o homem passar as mãos de forma rude entre as pernas dele.

“Quantos anos você tem?”, o agente pergunta, parando por um momento para ajustar as luvas de borracha.

“Quinze.”

Ele faz uma cara azeda. “É difícil adolescentes pedirem revista manual.”

“E quem pede?”

“Principalmente hippies.” Ele pensa por um momento. “Ou quem já foi hippie.”

Jordan precisa forçar o corpo a se manter imóvel. O agente está verificando o cós do jeans, e faz cócegas. “Talvez eu vire hippie quando crescer.”

“Acabei, garoto”, o homem diz. “Cai fora daqui.”

Jordan está sorrindo quando se junta à família. Ele pega seus tênis com o irmão. “Vamos”, Jordan diz. “Não queremos perder o voo.”

“Falamos sobre isso depois”, Bruce retruca.

Os dois meninos abrem caminho pelo corredor. Pelas janelas, veem à distância os arranha-céus da cidade de Nova York – montanhas de aço e vidro feitas pelos homens, rasgando o céu azul. É inevitável para Jane e Bruce procurar o ponto em que as Torres Gêmeas costumavam ficar, assim como a língua procura o buraco de um dente arrancado. Os filhos, que eram bebês quando as torres caíram, aceitam o panorama da cidade assim como ele é agora.

“Eddie”, Jordan chama o irmão, e os meninos trocam um olhar.

Os dois são capazes de ler o rosto um do outro sem se esforçar; seus pais às vezes ficam perplexos ao descobrir que Jordan e Eddie tiveram uma conversa completa e chegaram a uma decisão sem dizer uma palavra. Eles sempre operaram como uma unidade e sempre fizeram tudo juntos. No último ano, entretanto, Jordan vem se afastando. O modo como acabou de falar o nome do irmão significa: *Ainda estou aqui. Sempre vou voltar.*

Eddie dá um soquinho no braço do irmão e sai correndo na frente.

Jane caminha com delicadeza. A mão que seu filho mais novo soltou está formigando.

No portão, eles ainda precisam esperar mais um pouco. Linda Stollen, uma jovem vestida toda de branco, corre para a farmácia. As palmas de suas mãos estão suadas, seu coração bate forte, como se quisesse saltar do peito. Seu voo viera de Chicago à meia-noite, e ela tinha ficado por horas no banco, tentando cochilar na vertical, com a bolsa agarrada ao peito. Comprara a passagem mais barata possível — o que explicava a escala em Newark —, e dissera ao pai no caminho para o aeroporto que nunca mais pediria dinheiro a ele. O homem gargalhara, até dera um tapa no próprio joelho, como se ela tivesse contado a piada mais engraçada que ele já ouvira. Mas ela falava sério. Neste momento, Linda sabe duas coisas: um, nunca mais vai voltar a Indiana; dois, nunca mais vai pedir nada ao pai e à terceira esposa dele.

Essa é a segunda visita à farmácia que faz em vinte e quatro horas. Linda revira a bolsa e encontra a embalagem do teste de gravidez que comprara em South Bend. Dessa vez, escolhe uma revista de celebridades, um pacote de chocolate e uma soda diet, então vai para o caixa.

Crispin Cox ronca na cadeira de rodas, seu corpo um origami descarnado de pele e ossos. De vez em quando, seus dedos tremulam, como passarinhos tentando alçar voo. A enfermeira, uma mulher de meia-idade com sobrancelhas volumosas, lixa as unhas num assento próximo.

Jane e Bruce estão sentados lado a lado nas cadeiras azuis do aeroporto, discutindo, embora ninguém por perto desconfie disso. O rosto deles permanece impassível, a voz se mantém baixa. Os filhos chamam esse estilo de briga parental de “4 na Escala Richter”, e não se preocupam com ele. Os pais discutem, mas é mais uma forma de comunicação que um combate. Estão se esforçando, não atacando.

Bruce diz: “Foi uma situação perigosa”.

Jane balança a cabeça de leve. “Jordan é uma criança, não fariam nada com ele. E estava exercendo um direito.”

“Você está sendo ingênua. Ele falou demais, e neste país isso nunca é bem-visto, não importa o que a Constituição diga.”

“Foi você que o ensinou a se defender.”

Ele franze os lábios. Quer retrucar, mas não pode. Os meninos estudam em casa, e Bruce sempre enfatizou o pensamento crítico no currículo deles. Lembra de uma discussão recente sobre a importância de não seguir cegamente as regras. *Questionem tudo*, ele disse. *Tudo*. O próprio Bruce passara semanas obcecado com a idiotice dos fanfarrões de Colúmbia, que lhe negaram estabilidade no cargo só porque ele não ia aos coquetéis organizados pela universidade. Perguntara ao chefe de departamento: *O que discussões embriagadas têm a ver com matemática?* Ele quer que seus filhos questionem fanfarrões também, mas não ainda. Devia ter feito uma ligeira modificação e dito: *Questionem tudo depois que forem crescidos, estiverem em plena posse de seus poderes e não morarem mais com a gente, assim não vou ter que ver e me preocupar.*

“Olha aquela mulher ali”, Jane comenta. “Tem sinos costurados na barra da saia. Dá para imaginar usar algo que tilinta toda vez que você se mexe?” Balança a cabeça com um gesto que pretende ser escárnio, mas na verdade se mostra como admiração. Jane se imagina caminhando em meio ao som daqueles sininhos. Fazendo música e chamando a atenção, a cada passo. A ideia a faz corar. Ela usa jeans com algo que gosta de pensar como sua “malha de escrever”. Vestiu-se pela manhã pensando em conforto. Aquela mulher tinha se vestido pensando em quê?

O medo e o constrangimento que tomaram conta do corpo de Bruce quando estavam no controle de segurança começam a se dissipar. Ele esfrega as têmporas e faz uma prece judaica-ateísta em gratidão pelo fato de não ter dado início a uma daquelas dores de cabeça que fazem os vinte e dois ossos de seu crânio latejar. Quando o médico perguntou se ele sabia qual era o gatilho das enxaquecas, Bruce riu. A resposta era óbvia: seus filhos. A paternidade, para ele, é um susto depois do outro. Quando os meninos ainda eram bebês, Jane costumava dizer que Bruce os carregava como se fossem granadas vivas. Para ele, eram mesmo, e continuam sendo. O principal motivo que o fez concordar em se mudar para Los Angeles é o fato de o estúdio ter alugado uma casa com jardim para eles. Bruce planeja manter suas granadas dentro daquele espaço delimitado; se quiserem ir a algum lugar vão precisar que ele os leve de carro. Em Nova York, podiam simplesmente entrar no elevador e ir embora.

Bruce dá uma olhada para eles. Estão lendo do outro lado, num leve ato de independência. O mais novo olha de volta ao mesmo tempo. Eddie também vive preocupado. Eles trocam olhares, duas versões diferentes do mesmo rosto. Bruce força um sorriso largo, para tentar conseguir outro do filho. De repente, sente necessidade de ver o menino feliz.

A mulher com a saia barulhenta passa entre pai e filho, cortando a ligação. Os sinos tilintam a cada passo. Ela é alta, uma filipina de constituição sólida. Pequenas missangas decoram seu cabelo escuro. A mulher canta baixo. As palavras saem fracas, mas ela as joga pela sala de espera como pétalas: *glória, graça, aleluia, amor*.

Um homem negro de uniforme do Exército está em pé perto da janela, de costas para a sala. Tem quase dois metros e é tão largo quanto um armário. Benjamin Stillman ocupa todo o espaço mesmo quando há espaço de sobra. Está ouvindo a mulher cantar; a voz dela o faz lembrar da avó dele. Benjamin sabe que, como o escâner corporal, o olhar da avó vai atravessá-lo no minuto em que se encontrarem no aeroporto de Los Angeles. Ela vai ver o que aconteceu durante a briga com Gavin; vai ver a bala que entrou pela lateral de seu corpo duas semanas depois, e a bolsa de colostomia ali. Na frente dela, tudo vai se revelar — ainda que Benjamin seja treinado em subterfúgios e tenha passado a vida toda escondendo a verdade de todos, inclusive de si mesmo. Mas, agora, ele encontra paz nos fragmentos da música.

Uma funcionária da companhia aérea vai até a extremidade da área de espera com um microfone. Ela fica em pé, com os quadris pendendo para um lado. O uniforme não chega a parecer nem largo nem apertado demais nos outros funcionários, mas nela parece feito sob medida. Seu cabelo está preso num coque, e ela usa batom vermelho brilhante.

Mark Lassio, que estava mandando instruções via mensagens para o sócio, levanta o rosto. Tem trinta e dois anos e já escreveram dois perfis a seu respeito na revista *Forbes* nos últimos três anos. Tem queixo proeminente, cabelo curto penteado com gel e olhos azuis que dominam a arte de encarar. Usa terno cinza-fosco, uma cor que parece ao mesmo tempo cara e discreta. Mark avalia a mulher e sente que seu cérebro começa a girar como pedais, movido pelos vários uísques *sour* da noite passada. Ele se endireita na cadeira e foca toda a atenção nela.

“Senhoras e senhores”, a mulher começa, “bem-vindos ao voo 2977 com destino a Los Angeles. Vamos iniciar o embarque.”

O avião é um Airbus A321, uma baleia branca com uma faixa azul na lateral. Tem cento e oitenta e sete assentos para passageiros, com um corredor central. Na primeira classe, há duas poltronas espaçosas de cada lado; na econômica, três assentos comuns. Todas as passagens foram vendidas.

Os passageiros embarcam devagar, com malas pequenas próximas aos joelhos, cheias de itens valiosos ou essenciais demais para despachar. A primeira coisa que notam ao entrar no avião é a temperatura. O avião parece um frigorífico, e o ar-condicionado faz um *ssshhh!* contínuo, crítico. Braços que chegaram à mostra agora têm os pelos arrepiados, e logo são cobertos por blusas de frio.

A enfermeira de Crispin tenta ajudá-lo enquanto ele passa da cadeira de rodas para o assento da primeira classe. Agora está acordado, e muito irritado. Uma das piores coisas da doença é que as pessoas — *malditos desconhecidos* — têm permissão de tocá-lo. A enfermeira põe as mãos na coxa de Crispin, para ajustá-lo. *Na coxa!* Suas pernas atravessaram a passos largos salas de reunião, cobriram a quadra de squash do clube, esquiaram nas pistas mais difíceis de Jackson Hole. Agora uma mulher — que na melhor das hipóteses ele considerava medíocre — achava que podia envolvê-las com as mãos. Ele a dispensa. “Não preciso de ajuda para sentar nessa porcaria de poltrona”, Crispin diz.

Benjamin embarca com a cabeça erguida. Chegou a Nova York num avião militar, então esse é seu primeiro voo comercial em mais de um ano. Ele sabe o que esperar, no entanto, e se sente desconfortável. Em 2002, teria recebido um upgrade automático da econômica para a primeira classe, e todo o avião teria aplaudido assim que entrasse.

Agora, um passageiro começa a aplaudir, então outro o segue, e mais alguns. As palmas se espaçam como uma pedra atirada num lago, que toca a superfície escura aqui e ali, antes de afundar na tranquilidade. O barulho, enquanto dura, é inconstante, meio constrangedor. “Obrigada por servir ao país”, uma jovem sussurra. Ele faz um gesto com a mão em leve continência, então se senta em sua poltrona na classe econômica.

A família Adler se separa perto da porta. Jane acena para os filhos e o marido, que estão bem à sua frente, e então, com os ombros encolhidos, vai para a primeira classe. Bruce fica olhando para a esposa por um momento, então direciona os membros desengonçados de Jordan e Eddie até o fundo do avião. Olha para o número das poltronas pelas quais estão passando e calcula que eles vão ficar vinte e nove fileiras atrás de Jane, que prometeu trocar sua passagem por uma da classe econômica para se sentar com eles. Bruce já se deu conta de que suas promessas importam muito pouco, quando se trata de trabalho. Ainda assim, prefere acreditar nela todas as vezes e depois se decepcionar.

“Que fileira, pai?”, pergunta Eddie.

“Trinta e um.”

Os passageiros separam lanchinhos e livros e enfiam no bolso do assento à frente. O fundo do avião cheira a comida indiana. Os que têm o costume de cozinhar em casa, como Bruce, sentem o cheiro e pensam: *cominho*. Os irmãos brigam pelo lugar à janela — o pai reivindica o do corredor, para esticar as pernas —, até que Jordan se dá conta de que estão impedindo outros passageiros de chegar a suas poltronas e cede abruptamente. Ele se arrepende do ato de maturidade no momento em que se senta; agora se sente preso entre o pai e o irmão. A alegria — o *poder* — que havia sentido após a revista manual foi esmagada. Por alguns minutos, ele se sentiu como um adulto totalmente realizado. Agora se sente como um bebê idiota preso a um cadeirão. Decide não falar com Eddie por pelo menos uma hora, como punição.

“Pai”, Eddie diz, “nossas coisas já vão estar na casa nova quando chegarmos?”

Bruce se pergunta com o que especificamente Eddie está preocupado; o pufe, as partituras, o elefantinho de pelúcia com o qual ele ainda dorme de vez em quando? Os filhos viveram no mesmo apartamento de Nova York a vida toda. Agora foi alugado; se Jane se sair bem e eles decidirem ficar na Costa Oeste, vai ser vendido. “As caixas vão chegar semana que vem”, Bruce responde. “Mas a casa veio mobiliada, então vamos poder nos virar até lá.”

O menino, que aparenta menos que os doze anos que tem, acena com a cabeça para a janela oval ao seu lado. Ele pressiona as pontas dos dedos contra o plástico transparente até ficarem brancas.

De jeans branco e blusa fina, Linda Stollen treme. A mulher sentada à sua direita parece já ter dormido, o que é inacreditável. Ela tem um lenço azul em volta da cabeça e está apoiada na janela. Linda mexe no bolso do assento da frente, para procurar um cobertor, quando a mulher com a saia musical para em sua fileira. Ela é tão grande que, quando se senta na poltrona do corredor, ultrapassa o apoio de braço e invade o espaço de Linda.

“Bom dia, meu bem”, cumprimenta a mulher. “Sou a Flórida.”

Linda aproxima os cotovelos das laterais do corpo, para evitar contato. “Como o estado?”

“Não como o estado. Eu sou o estado. Sou Flórida.”

Ah, meu Deus, Linda pensa. É um voo de seis horas. Vou ter que fingir dormir o tempo todo.

“Como você se chama, querida?”

Linda hesita. Não previu essa oportunidade de estreiar seu novo eu. Ela pretende se apresentar na Califórnia como *Belinda*. É parte de seu

novo começo: uma versão melhorada de si mesma, com um nome melhorado. Belinda, ela decidiu, é uma mulher encantadora e que irradia confiança. Linda é uma dona de casa insegura com tornozelos gordos. Linda torce a língua dentro da boca se preparando. *Be-lin-da*. Mas sua boca não quer pronunciar as sílabas. Ela tosse e se ouve dizer: “Vou me casar. Vou para a Califórnia para que meu namorado me peça em casamento. Ele vai me pedir em casamento”.

“Uau”, Flórida diz, num tom suave, “que interessante.”

“É”, Linda diz. “É, sim. Suponho que seja.” Então se dá conta de como está cansada e de como dormiu pouco na noite anterior. A palavra “suponho” pareceu ridícula ao sair da boca de Linda. Ela imagina se é a primeira vez que a usou na vida.

Flórida se abaixa para dar uma arrumada em sua bolsa gigantesca. “Já me casei algumas vezes”, conta. “Talvez mais do que *algumas*.”

O pai de Linda se casou três vezes, e a mãe duas. Aquilo não é novidade para Linda, mas ela pretende se casar uma vez só. Pretende ser diferente de todos os outros Stollen. Ser melhor.

“Se ficar com fome, querida, tenho um monte de comida. Me recuso a tocar nessa comida horrível do avião. Se é que se pode chamar de comida.”

A barriga de Linda ronca. Quando foi a última vez que ela comeu direito? Ontem? Linda olha para o pacote de chocolate, despontando tristonho do bolso do assento da frente. Com uma urgência que a surpreende, ela pega o pacote, abre e vira-o na boca.

“Você ainda não me disse seu nome”, Flórida insiste.

Ela faz uma pausa na mastigação. “Linda.”

A comissária de bordo — a mesma mulher que deu as boas-vindas a eles no portão de embarque — passa pelo corredor do meio, verificando os compartimentos de bagagem de mão e os cintos de segurança. Ela parece se mover segundo uma trilha sonora interna; reduz sua

velocidade, sorri, então volta em outro ritmo. Tanto homens como mulheres a observam; seu caminhar é magnético. A comissária está claramente acostumada a toda a atenção. Ela mostra a língua para um bebê sentado no colo da mãe, e o bebê gargalha. Ela para na fileira de Benjamin Stillman, se agacha e sussurra em seu ouvido: “Sou a chefe de cabine deste voo, e fui informada de sua condição de saúde. Se precisar de qualquer assistência, não importa a hora, não hesite em chamar, por favor”.

Ele se sobressalta; estava olhando pela janela, para a mistura de cinzas no horizonte. Aviões, pistas de decolagem, o recorte da cidade à distância, uma estrada, carros passando. Ele a encara — e se dá conta, ao fazer isso, de que tem evitado contato visual há dias, talvez semanas. Os olhos da mulher são cor de mel, profundos e agradáveis. Benjamin assente, abalado, e se força a virar para o outro lado. “Obrigado.”

Na primeira classe, Mark Lassio já organizou tudo com precisão. Tem o laptop, um livro de mistério e uma garrafa de água no bolso da poltrona da frente. Está com o celular na mão. Tirou os sapatos e os enfiou sob sua poltrona. A pasta, deitada no compartimento de bagagens de mão, contém a papelada do trabalho, suas três melhores canetas, cápsulas de cafeína e um saco de amêndoas. Ele está a caminho da Califórnia para fechar um grande negócio no qual vem trabalhando há meses. Olha por cima do ombro, tentando parecer casual. Nunca foi bom em parecer casual, no entanto. É o tipo de homem que fica melhor num terno de três mil dólares. Ele lança um olhar observador através da cortina que separa a primeira classe e a econômica, com a mesma intensidade de quando se exercita na academia, está num jantar romântico ou numa apresentação de trabalho. Seus colegas de escritório acham que ele é um osso duro de roer.

A comissária de bordo chama sua atenção por motivos óbvios, mas tem mais ali do que pura beleza. Ela está naquela idade mágica,

reluzente — vinte e sete, ele chuta —, em que a mulher tem um pé na juventude e outro na vida adulta. De alguma forma, é uma menina de dezesseis com pele macia e uma mulher vivida de quarenta no mesmo momento infinito, florescente. E aquela mulher em particular é ardente como uma casa em chamas. Há muito tempo Mark não vê alguém tão provido de células, genes e *biologia*, ou talvez nunca tenha visto. Ela é feita da mesma coisa que os outros, mas em potência *máxima*.

Quando a comissária de bordo finalmente entra na primeira classe, Mark tem vontade de desafivelar o cinto de segurança, pegar a mão esquerda dela com a direita dele, envolver sua cintura com o outro braço e começar a dançar uma salsa. Ele não sabe dançar salsa, mas tem certeza de que o contato físico com aquela mulher resolveria a questão. Ela é um musical da Broadway encarnado, enquanto ele, Mark se dá conta de repente, funciona à base de álcool e pretzel. Olha para as próprias mãos, de repente esvaziadas. A ideia de pegar a cintura dela e começar a dançar não lhe parece impossível. Já fez esse tipo de coisa; seu terapeuta chama de “surto”. Faz meses que não tem um surto, no entanto. Mark acabou com eles.

Quando volta a levantar o rosto, a comissária de bordo está na frente do avião, pronta para passar as instruções de segurança. Só para mantê-la em seu campo de visão, muitos passageiros se inclinam para o corredor, surpresos ao se verem prestando atenção naquelas instruções pela primeira vez em anos.

“Senhoras e senhores”, a voz dela ondula no ar, “meu nome é Verônica e sou a chefe de cabine deste voo. Estarei na primeira classe, e meus colegas Ellen e Luís estarão na classe econômica”, ela aponta para uma versão mais opaca de si mesma (cabelo castanho-claro, pele mais pálida) e um homem baixinho e careca. “Em nome do capitão e de toda a tripulação, lhes dou as boas-vindas a bordo. Por ora, peço que por favor se certifiquem de manter o assento na posição vertical e a bandeja

à sua frente fechada. Todos os equipamentos eletrônicos devem ser desligados. Ficamos *muito gratos* pela cooperação.”

Mark desliga o celular, obediente. Em geral, só o enfia no bolso. Sente o bem-estar sonoro no peito que acompanha o ato de fazer algo por outra pessoa.

Sentada ao lado dele, Jane Adler acha graça nos passageiros extasiados. Até que ela própria foi bem bonitinha aos vinte e poucos, quando conheceu Bruce, mas nunca chegou perto do tipo de sex appeal de Verônica. A comissária de bordo agora mostra aos passageiros como afivelar o cinto de segurança, e o cara de Wall Street age como se nunca tivesse ouvido falar em cinto de segurança, muito menos em como usá-lo.

“Há diversas saídas de emergência nesta aeronave”, explica Verônica. “Por favor, reserve alguns minutos para localizar a mais próxima de você. Se for necessário evacuar o avião, luzes de emergência se acenderão no chão para guiá-los até a saída. As portas podem ser abertas movendo a maçaneta na direção da seta. Cada porta é equipada com um escorregador inflável, que depois pode ser usado como bote salva-vidas.”

Jane sabe que seu marido, em algum lugar lá atrás, já mapeou as saídas e escolheu aquela pela qual vai empurrar os meninos em caso de emergência. Ela também o imagina revirando os olhos durante o comentário sobre os escorregadores infláveis. Bruce processa o mundo — e decide o que é verdade — com base em números, e ninguém nunca sobreviveu a uma queda de avião usando um escorregador inflável. É só um conto de fadas com a intenção de dar aos passageiros uma falsa sensação de controle. Embora contos de fadas nunca tenham tido nenhuma utilidade para Bruce, outras pessoas parecem apreciá-los.

Crispin se pergunta por que nunca se casou com uma mulher com o corpo daquela comissária de bordo. Suas esposas mal tinham bunda.

Talvez os jovens prefiram mulheres magras, ele pensa, e sejam necessários anos para valorizar um pouco de gordura na cama. Não se sente atraído pela mulher; ela tem a mesma idade de alguns de seus netos, e ele não tem mais chama por dentro. A mera ideia de duas pessoas se contorcendo na cama lhe parece uma piada de mau gosto. Uma piada que durante bastante tempo o fez gargalhar, é claro, quando era mais novo. Crispin se dá conta — pegando os braços da poltrona ao sentir pontadas fortes de dor na cintura — de que os principais capítulos de sua vida pessoal começaram e terminaram em meio a lençóis bagunçados. Todas as esposas, futuras esposas e ex-esposas negociavam seus termos no quarto.

Eu fico com as crianças.

Vamos nos casar em junho, no clube de campo.

Eu fico com a casa de verão.

Se não pagar minhas contas, vou contar para sua esposa.

Ele olha para Verônica, que agora explica como um colete salva-vidas pode ser inflado soprando um canudinho. *Se as mulheres que escolhi tivessem um pouco mais de peso, teriam permanecido por mais tempo, ele pensa.*

“Lembramos a todos”, a comissária de bordo diz, mostrando um leve sorriso, “que é proibido fumar neste voo. Em caso de perguntas, não hesite em chamar um membro da tripulação. Em nome da Trinity Airlines, eu” — ela se demora na palavra, soltando-a como uma bolha de sabão no ar — “desejo a vocês um excelente voo.”

Verônica então some de vista. Sem ter onde focar sua atenção, os passageiros pegam seus livros ou revistas. Alguns fecham os olhos. O barulho da saída do ar-condicionado fica mais forte. Em parte porque o som vem de cima, e em parte também porque vem com rajadas de ar congelante, o ruído deixa as pessoas desconfortáveis.

Jane Adler envolve o corpo com a malha com mais força para combater o frio, e se aninha na culpa por não ter terminado o roteiro antes de embarcar. Odeia aviões, e ainda tem que viajar separada da família. *É uma punição*, Jane pensa. *Por ser preguiçosa, por não encarar as coisas, por ter aceitado essa loucura.* Tinha escrito por muito tempo para uma série de TV que era rodada em Nova York, um pouco porque assim não precisava viajar. Mas ali estava ela, se arriscando, começando em outro emprego, pegando um avião.

Seus pensamentos seguem um caminho que lhe é familiar; quando está ansiosa, Jane repassa mentalmente momentos de sua vida, talvez tentando se convencer de que tem uma história. Ela criou memórias, o que significa que vai criar mais. Jane e a irmã correm numa praia canadense; em silêncio, ela divide o jornal com o pai, de maneira amigável, à mesa da cozinha; faz xixi num parque, depois de beber champanhe demais num evento formal da faculdade; observa Bruce, de rosto franzido, pensativo, numa esquina do West Village; dá à luz o filho mais novo, sem remédios, numa banheira, surpresa com os ruídos bovinos que saíam de seus pulmões. Tem a pilha com seus sete romances preferidos, que ela vem selecionando desde a infância, e sua melhor amiga, Tilly, e o vestido que usa em todas as reuniões importantes, porque faz com que se sinta ao mesmo tempo no controle e magra. O jeito como sua avó franzia os lábios e jogava beijos no ar, cantando cumprimentos: *Oi, oi!*

Jane passa pelo vazio e pelo significativo, tentando se distrair, não pensar onde está e para onde está indo. Seus dedos encontram automaticamente o ponto em sua clavícula onde fica sua marca de nascença, uma marca em forma de cometa, e o pressionam. É um hábito que tem desde a infância. Pressiona ali como se isso a ligasse a seu eu verdadeiro, real. Faz pressão até doer.

Crispin Cox olha pela janela. Os médicos de Nova York — os melhores médicos de Nova York, e isso não significa os melhores do mundo? — garantiram a ele que valeria a pena ser tratado num hospital especializado de Los Angeles. *Eles conhecem esse câncer do avesso*, os médicos lhe disseram. *Vamos colocar você no estudo clínico*. Havia uma luz nos olhos dos médicos que Crispin reconhecia. Eles não queriam que morresse, que fosse derrotado, porque aquilo significaria que eles também seriam derrotados um dia. *Quem é grande luta. Não cai. Queima como a porra de uma fogueira*. Crispin tinha assentido, porque claro que ele ia vencer aquela doença ridícula. Claro que aquilo não ia derrubá-lo. Mas, um mês atrás, ele pegou um vírus que sugou sua energia e o encheu de preocupações. Uma nova voz podia ser ouvida em sua mente, prevendo desgraça e fazendo-o questionar sua confiança anterior. O vírus se foi, mas a ansiedade ficou. Ele mal havia saído do apartamento desde então. Quando o médico ligou para marcar uma consulta para os últimos exames de sangue antes que ele fosse para Los Angeles, Crispin disse que estava ocupado demais. A verdade era que tinha medo de que os exames refletissem o que sentia agora. Sua única concessão àquela nova e indesejável inquietação foi contratar uma enfermeira para o voo. Não gostava da ideia de ficar sozinho nas alturas.

Bruce Adler olha para seus filhos; o rosto deles é ilegível. Ocorre-lhe o pensamento familiar de que é velho demais e está à parte demais para decifrá-los. Alguns dias antes, enquanto esperavam por uma mesa em seu restaurante chinês preferido, Bruce notou Jordan olhando para uma menina da idade dele entrando com a família. Os dois adolescentes se olharam por um momento, com a cabeça meio inclinada, e então Jordan abriu um sorriso — e era como se seu rosto estivesse se abrindo ao meio. Ele parecia oferecer àquela desconhecida tudo o que tinha: sua alegria, seu amor, seu cérebro, sua completa atenção. E fez para ela uma

cara que Bruce, que estudava seu filho todos os dias de sua vida, nunca tinha visto. Que nem sabia que existia.

Benjamin se ajeita na poltrona apertada. Queria estar na cabine do piloto, do outro lado da porta fechada. Pilotos falam como militares, em código, com precisão e rapidez. Alguns minutos ouvindo-os se preparar para decolar bastariam para aliviar seu peito. Ele não gosta da mistura de conversas e roncos à sua volta. Os civis se comportam de um jeito meio caótico que o irrita. A mulher branca ao lado dele cheira a ovo, e já perguntou duas vezes se ele esteve no Iraque ou “naquele outro lugar”.

Linda está envolta num estranho e exaustivo exercício abdominal enquanto tenta se afastar da massa selvagem que é Flórida sem tocar na passageira dormindo do seu outro lado. Ela se sente a própria Torre de Pisa, mantendo os músculos oblíquos trabalhando. Queria ter comprado mais chocolate. Ela pensa: *Na Califórnia, com Gary, vou comer mais.* Isso a reconforta. Está de dieta desde os doze anos; nunca pensou em desistir, até agora. A magreza sempre lhe pareceu essencial, mas e se não for? Ela tenta se imaginar voluptuosa, sexy.

Flórida voltou a cantar, mas tão do fundo do peito, num volume tão baixo, que mais parece uma vibração. Em volta dela, como se seguindo a deixa do som, o motor do avião ganha vida. As portas se fecham. O avião estremece e sacode, enquanto Flórida murmura. Ela é uma fonte de melodias, molhando todos à sua volta. Linda agarra as próprias mãos sobre as pernas. Jordan e Eddie, apesar da guerrinha de silêncio, deixam seus ombros se tocarem em busca de conforto enquanto o avião ganha velocidade. Os passageiros com livros ou revistas não estão mais lendo. Os de olhos fechados não estão dormindo. Todos estão conscientes, enquanto o avião deixa o solo.

12 de junho de 2013

Noite

A equipe de prontidão do Conselho Nacional de Segurança nos Transportes, o NTSB, está no local sete horas depois do acidente — o tempo que leva para voar de Washington, D.C. até Denver e então seguir em carros alugados até a cidadezinha nas planícies do norte do Colorado. Por causa dos dias longos de verão, ainda não escureceu quando eles chegam. O trabalho de verdade vai ser feito quando o sol nascer no dia seguinte. Estão aqui agora para ter uma ideia do que se passa, apenas para começar.

O prefeito da cidade veio para receber o investigador-chefe do NTSB. Os dois posam para a imprensa tirar uma foto. A não ser pelo momento do aperto de mão, o prefeito — que também é contador, porque a cidade não tem dinheiro para manter servidores em tempo integral — mantém as mãos nos bolsos, para esconder o fato de que está tremendo.

A polícia isolou a área; a equipe do NTSB, usando macacão laranja e máscaras de proteção, passa por cima e em volta dos destroços. O terreno é plano em todas as direções, a superfície queimada, carbonizada, um pedaço de torrada preta. O fogo foi apagado, mas o ar está carregado de calor. O avião entrou num aglomerado de árvores e foi enterrado no solo. A boa notícia, os membros da equipe dizem uns aos outros, é que a queda não ocorreu numa área residencial. Nenhum habitante local se feriu. Eles encontram duas vacas mutiladas e um pássaro morto entre poltronas, bagagens, metal e membros.

As famílias das vítimas chegam a Denver de avião ou carro nas vinte e quatro horas posteriores à queda. Muitos andares do Marriott do Centro estão reservados para elas. Às cinco da tarde de 13 de junho, o porta-voz do NTSB, um homem com cicatrizes de acne no rosto e comportamento gentil, atualiza as famílias e a imprensa no salão de festas do hotel.

Famíliares se empoleiram nas cadeiras dobradas. Inclina-se para a frente como se a pele de seus ombros pudesse ouvir; baixam a cabeça como se os folículos capilares pudessem captar o que nenhuma outra parte do corpo pode. Poros se abrem, dedos se espalham. Ouvem com tanta intensidade, como se uma verdade melhor, menos esmagadora, pudesse ser revelada sob os fatos sendo comunicados.

No fundo do salão há um aglomerado de requintados arranjos de flores, para os quais ninguém olha. Peônias vermelhas e cor-de-rosa em vasos gigantes. Uma cascata de lírios brancos. São sobras da festa de casamento realizada ali na noite anterior. O cheiro vai manter muitos familiares longe de floriculturas pelo resto da vida.

A imprensa fica à parte em meio à fala do porta-voz. Os jornalistas evitam contato visual com os familiares durante as entrevistas. Desenvolvem seus próprios tiques: um homem coça o braço como se tivesse sido atacado por uma hera venenosa; uma repórter televisiva não para de arrumar o cabelo. Eles divulgam atualizações em entrevistas ao vivo na TV e em relatos por e-mail. Focam nos passageiros “famosos”. Um barão do plástico, conhecido por ter construído um império e demitido milhares de operários depois de automatizar suas fábricas. Um jovem sucesso de Wall Street, que valia cento e quatro milhões de dólares, segundo as estimativas. Um oficial do Exército norte-americano, três professores universitários, uma ativista dos direitos civis, uma roteirista de *Law & Order*. Eles despejam fatos nas bocas

sedentas; o acidente prende a atenção do mundo. Está em todos os cantos da internet.

Um repórter mostra um exemplar do *New York Times* para a câmera, indicando a manchete enorme, do tipo normalmente reservada para eleições presidenciais e caminhadas na lua. Lê-se: 191 MORTOS EM QUEDA DE AVIÃO COM 1 SOBREVIVENTE.

Os parentes têm uma única pergunta quando o porta-voz encerra sua fala; todos se inclinam para a frente, como se estivessem numa sala escura e ali se encontrasse a única janela: “Como está o menino?”.

As peças intactas do avião vão ser transportadas para o escritório do NTSB, na Virgínia. Eles vão remontar o quebra-cabeça. Agora estão procurando pela caixa-preta. A mulher que lidera a equipe, uma lenda em sua área de atuação, com sessenta anos e conhecida apenas como Donovan, está segura de que vão conseguir encontrá-la.

Para alguém com sua experiência, não é uma cena complicada. Os detritos estão todos dentro de um raio de oitocentos metros, e não há corpos de água ou áreas pantanosas, só terra dura e grama. Nada pode ficar escondido ou perdido para sempre; está tudo dentro do alcance. Há metal queimado, poltronas quebradas e lascas de vidro. Há pedaços de corpos, mas não cadáveres inteiros. É fácil ignorar a carne humana e focar no metal. Focar no fato de que o quebra-cabeça começa a se encaixar. A equipe de Donovan é composta de homens e mulheres que passam a vida profissional esperando por tragédias. Eles trabalham duro, com a boca fechada atrás das máscaras, fazendo inventários e embalando evidências.

Alguns dias depois, os quartos reservados no Marriott estão vazios: as famílias foram embora. As atualizações diárias para a imprensa pararam.

A equipe do NTSB encontrou a caixa-preta e voltou para a Virgínia. Foi anunciado que vão divulgar as principais descobertas em três semanas, e que vai haver uma audiência pública em Washington, D.C., em cerca de seis meses, com base nas evidências.

A cobertura da imprensa se amplia; inúmeras matérias focam nos tios do menino em Nova Jersey, que foram encontrar o sobrinho para adotá-lo. Lacey Curtis, de trinta e nove anos, é a irmã mais nova de Jane Adler, e a única parente do menino. Há uma foto da mulher, com cabelo claro, sardas, bochechas rechonchudas e um sorriso tímido no rosto. A única coisa que se sabe a seu respeito é que é dona de casa. O marido, John Curtis, de quarenta e um anos, é um cientista da computação que faz consultoria de TI para empresas locais. Eles não têm filhos.

Informações sobre qualquer coisa e qualquer pessoa relacionadas à queda continuam a ser absorvidas, de modo que os especialistas prosseguem com a especulação na televisão e na internet. Os pilotos estavam bêbados? O avião teve algum problema? É garantido que não tenha sido um ato de terrorismo? Um dos passageiros pirou e entrou na cabine? Foi uma tempestade? O Google Analytics mostra que, uma semana depois do acidente, cinquenta e três por cento das buscas na internet nos Estados Unidos estavam relacionadas à queda. “Por que é que de todas as notícias ruins neste mundo horrível”, comentou um velho âncora de telejornal, “nos preocupamos tanto com a queda desse avião, e com esse menino?”

Faz uma semana que ele está no hospital. Uma mulher de muleta entra no quarto; é a chefe de relações públicas do hospital de Denver, e foi destacada para atualizar a família quanto a tudo que não for estritamente médico.

“Susan”, John Curtis diz, em cumprimento. É um homem alto de barba, com o tom de pele e a barriga de uma pessoa que passa a maior parte da vida diante do computador.

“Ele falou alguma coisa hoje?”

Lacey — pálida, com uma mancha de café na blusa — balança a cabeça negativamente.

“Não desde que contamos pra ele.”

“Já decidiram se querem que ele seja chamado de Eddie ou Edward?”, Susan pergunta.

John se vira para a esposa e os dois trocam um olhar abatido e cansado, que sugere que não dormem por mais de uma hora seguida desde que receberam a ligação. O avião tinha caído no meio de uma semana em que Lacey e John não estavam se falando, porque ela queria seguir em frente na batalha para ter um bebê e ele não. E agora a briga e o silêncio pareciam irrelevantes. Eles tinham caído do cavalo. O sobrinho estava deitado à sua frente, quebrado, e era responsabilidade deles.

“Por desconhecidos, você diz?”, Lacey pergunta. “Eles não o conhecem, nem conhecem a gente. É melhor a imprensa usar o nome de batismo dele. Edward.”

“E não Eddie”, John diz.

“Está bem”, Susan concorda.

Edward — porque agora esse é seu nome — está dormindo ou fingindo dormir. Três adultos olham para ele, como se fosse pela primeira vez. Tem uma gaze enrolada em volta de sua testa; mechas grossas de cabelo escapam por baixo dela. Sua pele está muito branca, e ele tem olheiras escuras. Há um hematoma roxo no peito, que sai pela gola do avental solto do hospital. Suas duas pernas estão engessadas, e a direita está suspensa. Meias laranjas cobrem seus pés, compradas na

lojinha de presentes do hospital. Está escrito DENVER!!! em branco nas solas.

Tem um elefantinho de pelúcia debaixo do braço de Edward, para o qual Lacey tem dificuldade de olhar. A empresa contratada para fazer a mudança da família Adler para o outro lado do país parou num hotelzinho em Omaha na noite depois da queda do avião. O caminhão foi esvaziado no estacionamento, e cada caixa foi colocada sobre o asfalto. Eles abriram aquela em que estava escrito QUARTO DO EDDIE. Encontraram o elefante de pelúcia e mandaram para o hospital de Denver com um bilhete dizendo: *Pensamos que o menino pudesse querer isto.*

“O plano é transportá-lo em dois dias, agora que ele está estável. Um avião particular foi emprestado para a viagem, então vocês dois podem ir junto”, explica Susan.

“Todo mundo tem sido tão bondoso!”, Lacey diz, depois cora. Tem tantas sardas que corar só serve para uni-las. Ela adquiriu o costume de retorcer as mãos sardentas, como se o movimento repetitivo de alguma forma pudesse mudar a realidade inaceitável.

“Tem mais algumas coisinhas...” Susan se apoia na muleta. “Vocês têm acessado a internet?”

“Não”, John responde. “Na verdade, não.”

“Bom, só para vocês saberem, tem uma porção de páginas do Facebook dedicadas ao voo ou a Edward. Também tinha uma conta de Twitter com o nome @meninomilagroso, com o rosto de Edward na foto de perfil, mas já foi fechada.”

John e Lacey arregalam os olhos.

“A maior parte do conteúdo é positiva. Pêsames, condolências, esse tipo de coisa. Vocês dois apareceram no noticiário, porque as pessoas queriam saber com quem Edward ia ficar. Não quero que fiquem surpresos caso se deparem com isso.”

“A maior parte é positiva?”, Lacey repete.

“Trolls”, John solta.

“Trolls?” Os olhos de Lacey parecem saltar, de tão arregalados.

“Pessoas que fazem comentários provocativos para tentar obter uma resposta emocional”, John explica. “O objetivo delas é incomodar. Quanto mais pessoas incomodam, mais bem-sucedidos são.”

Lacey franze o nariz.

“Alguns consideram uma forma de arte”, John diz.

Susan solta um suspiro quase inaudível. “Caso eu não tenha outra chance de conversar com vocês, queria só alertá-los quanto aos advogados especializados em lesão corporal e aviação. Infelizmente, eles devem ir para cima de vocês como abutres. Mas não podem abordá-los até quarenta e cinco dias depois da queda. Então ignorem ou processem quem fizer isso. Como sabem, todas as despesas médicas estão sendo pagas pela companhia aérea. Não há nenhuma pressa para fazer um acordo. Vocês vão receber primeiro os benefícios da seguridade social pelas mortes e o dinheiro do seguro de vida, caso os pais de Edward tiverem feito algum. Vai levar algum tempo para resolver o restante, e não quero que deixem ninguém os convencer de que há urgência em entrar com qualquer tipo de ação legal.”

“Certo”, Lacey diz, mas fica claro que ela não está prestando atenção. A TV no canto está ligada no mudo, mas está escrito numa tarja na parte inferior da tela: MENINO MILAGROSO VAI SER TRANSFERIDO PARA HOSPITAL PERTO DE PARENTES.

“As pessoas *podem* ser horríveis”, Susan diz.

Edward se mexe na cama. Ele vira a cabeça, expondo uma bochecha macia com um hematoma.

“Alguns familiares de outros passageiros do avião querem ver Edward”, Susan continua, “mas os mantivemos afastados.”

“Nossa”, John diz. “Por que querem ver Edward?”

Susan dá de ombros. “Talvez porque ele tenha sido o último a ver vivas as pessoas que eles perderam.”

A garganta de John produz um ruído leve.

“Desculpa”, Susan diz, com as bochechas ficando vermelhas. “Eu poderia ter dito isso de um jeito melhor.”

Lacey se senta numa das cadeiras perto da janela. Os raios de luz criam uma espécie de auréola em torno de seu rosto exausto.

“Só mais uma coisa”, Susan diz. “O presidente vai ligar.”

“O presidente?”

“O presidente. Dos Estados Unidos.”

John ri, uma rápida explosão no ar particular do quarto. Ar carregado. Ar que espera a próxima palavra do menino na cama. Ar que silencia todos os que entram, separando os que perderam dos que não perderam.

Lacey leva as mãos ao cabelo sem lavar, e John diz: “Ele só vai ligar, Lace. Não vai poder te ver”.

Os enfermeiros acordam o menino ao tirar sangue e verificar seus sinais vitais perto da hora em que a ligação deve vir.

“Estou aqui”, Lacey diz. “Tio John também.”

O rosto de Edward se contorce.

Lacey sente uma onda de pânico. *Ele está com dor?* Então se dá conta do que o rosto dele tenta fazer. Sorrir, para agradá-la.

“Não, não”, sussurra. Depois diz para o quarto em geral: “Estamos prontos para o telefonema?”.

Quando ela volta a se virar para ele, Edward tinha parado de tentar.

Um telefone novinho foi instalado ao lado da cama, e Susan está ali, para colocar a ligação no viva-voz.

“Edward?” A voz é profunda; enche o quarto.

O menino está na horizontal na cama, parecendo pequeno e frágil para os adultos que o cercam. “Senhor?”

“Meu jovem...” O presidente faz uma pausa. “Não há muito que eu ou qualquer outra pessoa possa dizer que vá significar alguma coisa para você agora. Só posso imaginar o que você está passando.”

Os olhos de Edward estão arregalados, mas neutros.

“Só queria dizer que o país inteiro sente muito pela sua perda, e estamos todos torcendo para que supere isso. Estamos torcendo por você, filho.”

Lacey acaricia o braço de Edward, mas o menino não diz nada.

A voz profunda repete as palavras, agora mais devagar, como se convencida de que a repetição fará alguma diferença. “O país inteiro está torcendo por você.”

Edward fica em silêncio no voo para Nova Jersey. Fica em silêncio na ambulância, que tem blecaute nas janelas para impedir a imprensa de tirar fotos dele. Só fala por necessidade médica nas duas semanas que passa no hospital de Nova Jersey, enquanto seu pulmão se recupera e a tração na perna não é mais necessária.

“Você está se recuperando muito bem”, um médico diz para Edward.

“Fico ouvindo um clique o tempo todo.”

O rosto do médico muda; um ponteiro invisível dentro dele gira e aponta para o contexto clínico. “Faz quanto tempo que tem ouvido isso?”

O menino pensa a respeito.

“Desde que acordei.”

O neurologista é chamado. Ele pede novos exames, incluindo uma ressonância magnética do cérebro de Edward. O neurologista tem sobrancelhas brancas e é completamente careca. Todo dia, pega no

rosto de Edward enquanto olha profundamente em seus olhos, como se houvesse alguma informação ali que só ele pudesse ler.

O neurologista chama Lacey e John para o corredor. “A verdade é que, se dez pessoas diferentes passassem exatamente pelo mesmo trauma que esse menino, se sofressem um baque, fossem lançados a uma velocidade altíssima, depois parassem com um solavanco, cada uma apresentaria sintomas diferentes.” Ele levanta as sobrancelhas brancas para dar ênfase. “O traumatismo cranioencefálico é invisível à maior parte das nossas ferramentas de medição, então não posso afirmar com certeza o que Edward está passando ou o que vai passar no futuro.” O médico foca sua atenção em Lacey. “Imagine que eu pegue você pelos ombros e a sacuda com tanta força quanto possa. Quando soltar, talvez você não esteja tecnicamente machucada, não tenha um músculo distendido ou coisa do tipo, mas seu corpo sentiria o trauma, certo? É assim com Edward. Ele pode apresentar sintomas nos próximos meses, talvez até anos. Como depressão, ansiedade, pânico. Seu equilíbrio, sua audição e seu olfato também podem ser afetados.” O médico olha para o relógio. “Alguma pergunta?”

John e Lacey olham um para o outro. Tudo, inclusive a linguagem, parece ter se desfeito e caído aos seus pés. *Alguma pergunta?*

Finalmente, John responde: “No momento, não”. E Lacey balança a cabeça negativamente.

A enfermeira acorda o menino no meio da noite para medir a pressão e a temperatura. Ela pergunta: “Você está bem?”. O médico careca sempre começa com: “Como está a dor?”. Toda manhã, quando chega, a tia afasta o cabelo dele da testa e diz, num sussurro: “Como você está?”.

Edward é incapaz de responder a qualquer uma dessas perguntas. Não pode avaliar como está se sentindo; é perigoso demais abrir essa

porta. Ele tenta se manter distante de pensamentos e emoções, como se fossem móveis num cômodo, móveis dos quais pudesse simplesmente desviar. Quando a enfermeira deixa a TV no canal de desenhos, ele assiste. Sua boca está sempre seca, e o clique no ouvido vai e volta. Às vezes, ele está acordado sem estar acordado, e horas se passam sem que perceba. Toma o café da manhã da bandeja posta sobre suas pernas, e de repente o sol se põe lá fora.

Ele não gosta da caminhada diária, que na verdade não é uma caminhada, já que fica numa cadeira de rodas. “Você precisa de uma mudança de cenário”, a enfermeira com dreads no cabelo diz-lhe todos os dias da semana. A enfermeira do fim de semana, que tem cabelo loiro quase até a bunda, não diz nada. Só o coloca na cadeira de rodas e o empurra pelo corredor.

É ali que os pacientes esperam. O corredor fica cheio deles. Pessoas doentes, algumas também em cadeiras de rodas, ou se segurando de pé à porta do quarto. Os enfermeiros tentam mandá-las de volta para os quartos. “Não obstruam o corredor”, um enfermeiro grita. “É passagem para a saída de incêndio. Deem espaço para o menino.”

Um senhor faz o sinal da cruz, assim como uma mulher de pele escura com um acesso intravenoso no braço. Um adolescente ruivo, da idade de Jordan, acena com a cabeça para ele, com o olhar curioso. Tantos olhos acompanham Edward que a cena parece um quadro de Picasso: centenas de globos oculares e um punhado de membros e cortes de cabelo. Uma senhora toca sua mão quando ele passa. “Deus o abençoe.”

Os piores são os que choram. Edward tenta não olhar, mas seus soluços ressoam como notas de um órgão, sugando o ar disponível. Parece cruel que despejem suas emoções nele quando sua própria tristeza e seu próprio medo são tão vastos que Edward precisa se esconder deles. As lágrimas dos desconhecidos são ferroadas em sua

pele exposta. Ele ouve cliques, as pessoas seguram lenços contra a boca e a enfermeira chega ao fim do corredor, então a porta automática se abre e eles estão do lado de fora. Edward olha para as pernas quebradas, para evitar encarar o céu letal.

Edward é liberado do hospital quando já consegue suportar peso na perna que está melhor, de modo que possa usar muletas. Sua cabeça e suas costelas já se recuperaram, e os hematomas no peito e nas pernas passaram de roxo a amarelo. A equipe se reúne em seu quarto para se despedir, e é só então que Edward se dá conta de que não sabe o nome de ninguém. Todos usam uma identificação no peito, mas a cabeça dói quando ele lê. Edward se pergunta se esse seria outro sintoma. Talvez nunca mais consiga relacionar um nome a um rosto, e os únicos que vai saber são aqueles que já sabia antes do acidente. Estranhamente, a ideia o reconforta enquanto ele aperta a mão do médico careca, da enfermeira loira e da enfermeira com dreads no cabelo.

Edward se levanta da cadeira de rodas na frente da porta do hospital, e lhe entregam as muletas. Vai devagar até o carro, entre Lacey e John. Está consciente da presença dos tios de um jeito diferente. A última vez que os vira antes do acidente havia sido na época do Natal, quando foram tomar brunch num restaurante em Manhattan. Ele se lembra de ter ouvido o pai e o tio discutirem sobre uma nova linguagem de programação. Tinha sentado entre a mãe e Lacey, e ficara tão entediado que construía uma casa usando os talheres e o guardanapo. As mulheres tinham passado de um assunto insignificante para outro: os vizinhos, o sorvete que Lacey fazia uma vez por ano com uma fruta canadense difícil de encontrar, um ator bonito no programa de TV em que a mãe trabalhava.

Se perguntassem, Edward diria que amava os tios, mas sempre tinha sido claro que os dois não estavam ali *por ele* ou *por Jordan*. Os adultos se reuniam pelos adultos. A intenção dos encontros era permitir que a mãe e a tia se abraçassem com lágrimas nos olhos na hora de ir embora e promettessem, falando uma no cabelo da outra: *Vamos nos ver mais*. Edward consegue visualizar o irmão à sua frente na mesa do brunch, com as mãos inquietas, tentando entrar na conversa técnica dos homens, como se fosse um adulto também. A imagem do irmão é tão dolorosa que Edward não enxerga nada por um segundo, e tropeça.

“Fica firme aí”, John diz.

“Tchau, Edward”, uma voz diz.

“Boa sorte, Edward.”

Abrem a porta do carro para ele. Só então Edward vê, do outro lado do carro, do outro lado da rua, uma pequena multidão. Ele se pergunta vagamente por que estão ali. Então alguém na multidão grita o nome dele, e outros aplaudem e acenam com os braços quando veem que chamaram sua atenção. Edward avalia o cartaz que uma menina segura. Sua cabeça dói conforme ele absorve as palavras: *Força*. O cartaz ao lado traz, em letras maiúsculas: *É UM MILAGRE!*

“Não sei como eles descobriram o dia da sua alta”, John comenta. “Não saiu no jornal.”

Lacey esfregou o braço dele. Como o menino estava precariamente equilibrado no pé com a bota ortopédica, isso quase o derrubou.

“Parece que pensam que eu sou famoso.”

“Você meio que é famoso”, John solta.

“Vamos embora”, Lacey chama.

Eles entram no carro e passam pela multidão acenando e erguendo seus cartazes. Edward olha para as pessoas pela janela. Ele acena timidamente, e um homem levanta o punho fechado no ar, como se o gesto de Edward fosse o que estava esperando. Então os cliques

*image
not
available*

do outro lado do salão. Sua última ex-namorada, que odiava casas noturnas, que odiava dançar, que na verdade era muito eficiente em odiar qualquer coisa. Ela certamente era melhor em odiar do que em negociação de títulos, que era seu trabalho. Ela e Mark tinham aquilo em comum; adoravam ficar reclamando um para o outro. Depois do sexo, ficavam deitados na cama e se alternavam nas reclamações. Falavam mal de colegas de trabalho, amigos, chefes, políticos, familiares, de todo mundo. Era a melhor parte do relacionamento — havia uma alegria infantil naquilo, como quando se desce um morro com um trenó —, e Mark sentiu uma pontada de decepção sincera quando seu terapeuta insistiu que aquilo não era saudável.

A ex o notou um segundo depois. Estava na parede oposta; uma multidão dançava e se beijava entre os dois, e a música era uma série de batidas num volume planejado para tirar qualquer pensamento da cabeça. Ele nem deveria estar ali; estava tentando ficar limpo, e podia sentir no ar o cheiro da maldita cocaína. Afiado e pungente, como o aroma de fatias de limão. Mark procurou algo no rosto dela, e uma pergunta preguiçosa surgiu dentro dele. *Será? Podemos? Já fizemos?*

Os olhos dela encontraram com os dele. Eram escuros, quase pretos. Ela balançou a cabeça e fez com a boca: *Não*.

Vai se foder, ele respondeu então, e começou a dançar, algo que quase não fazia mais. A princípio, estava fora do ritmo, e teve que reorganizar os movimentos para acompanhar a batida. Mark balançou o corpo e jogou os braços para cima, e, quando a multidão gritou junto o refrão que ele não conseguia entender, gritou também. Um cara ao seu lado olhou meio assustado para ele, então sorriu, e eles bateram as mãos em cumprimento.

Ele ouve a voz de Verônica saindo dos alto-falantes, mas ela não está em seu campo de visão. A chefe de cabine anuncia que o avião atingiu altitude suficiente para que aparelhos eletrônicos aprovados voltem a

*image
not
available*

Um banheiro fica livre, e ela entra. Fecha e tranca a porta, o que ativa a lâmpada fluorescente no teto. Há um único ponto onde ficar de pé: entre a privada e o espelho minúsculo. Ela tira o teste de dentro da manga. Coloca a ponta entre os dentes e puxa de leve, rasgando a embalagem.

Linda abaixa a calça branca e depois a calcinha, então agacha sobre o assento, com o braço entre as pernas. Respira fundo e faz xixi, esperando que acerte. Então se lembra do adolescente dizendo ao agente de segurança que não gostava da pose em que as pessoas tinham que ficar dentro do escâner corporal — era degradante, ele disse? —, e se pergunta o que ele pensaria *daquela* pose. Suas coxas tremem, e o avião também.

Na primeira classe, Crispin Cox tenta ignorar as pontadas no abdome. Em vez disso, ele pensa na primeira esposa, Louisa, aquela que nunca desistia. É como ele a rotula mentalmente: *aquela que nunca desistia*. Faz trinta e nove anos que eles estão divorciados, muito mais que o tempo que tinham ficado casados, no entanto a cada tantos anos o advogado dela entrava em contato com o dele com alguma desculpa esfarrapada para tirar mais dele. Mais dinheiro, mais ações, mais imóveis. Às vezes em nome dos filhos, às vezes dela mesma. E a filha da mãe era bem-sucedida na metade das vezes.

Ao lado dele, a enfermeira diz: “O médico falou que sua condição é estável, mas o senhor parece estar com bastante dor. Consegue me dizer quanto, numa escala de um a dez?”

“Estou bem”, Crispin responde. “Só preciso de outro comprimido.”

Por que ele se lembra de Louisa tão bem — consegue repetir palavra a palavra seu diálogo aquela noite no Carlino’s, quando ela estava com aquele vestido azul e o cabelo do jeito que ele gostava —, mas não se

leve névoa sobre a pele dela, e Jane começa a escrever.

As instruções do teste dizem que o resultado leva três minutos para aparecer. O objeto de plástico branco encara Linda, vazio. Ela gostaria de dar alguns passos, ou até mesmo ir para outro cômodo enquanto espera, mas é impossível. Precisa ficar ali parada, em pé. Talvez porque seu corpo esteja preso, seu cérebro dispara.

Ela se lembra de quando bebeu pela primeira vez — Jägermeister —, na noite antes da prova de admissão na universidade. Chegou ao ginásio para fazer a prova depois de ter dormido só duas horas, com o cérebro cheio do que pareciam peças descartadas de motor. Seis semanas depois, uma professora, que sempre dissera que seu pai estava errado e que ela era esperta e teria um futuro brilhante pela frente se lutasse por ele, ficou pasma quando a menina lhe dissera como tinha ido mal. Linda a viu decidir, naquele momento, transferir suas esperanças e atenções para outro aluno, mais novo.

A iluminação do banheiro era péssima. Sua pele parecia amarelada no espelho. E o que ela estava pensando quando decidiu viajar toda de branco? Ela mostra a língua para o reflexo e vê a cicatriz de quando fez um piercing na língua, aos treze anos. Outra péssima decisão. Linda só fizera porque uma menina que admirava tinha virado gótica. Em dois dias, sua língua inchou tanto que ela tinha dificuldade para respirar, e a madrasta precisou levá-la ao pronto-socorro. A mulher adorou o incidente, e passou a mencioná-lo até em conversas que não tinham nenhuma relação com o assunto. “Você quase perdeu a língua, sabia? O que seria de você então? Teria ainda menos chance de conseguir um homem.”

“Consegui o Gary”, Linda diz para o espelho e para a madrasta.

Nos anos 1970, o lago perdeu parte do apelo. Famílias que podiam bancar uma casa de veraneio passaram a se dirigir à costa de Nova Jersey ou a Long Island. O movimento não era suficiente para manter os hotéis abertos. John e Lacey compraram uma casa ali logo depois de se casar, em 2002, porque assim poderiam ter um lugar melhor em West Milford do que mais perto da cidade, porque havia muitas empresas na região para as quais John podia prestar serviço de TI, e porque para Lacey o lago lembrava o Canadá. Eles têm uma bela vista do segundo andar da casa. Esse quarto dá para o vasto corpo de água imóvel, assim como o quarto de John e Lacey.

“Quando estiver se sentindo melhor, talvez a gente possa nadar no lago”, John diz.

Aquele lugar novo dentro de Edward, que se revelara depois da queda, começa a clicar. Ele se lembra de ouvir a mãe dizer ao pai que Lacey tivera outro aborto espontâneo. Ele não sabia bem o que aquilo significava, então fora procurar.

“Podemos dar uma arrumada no quarto. Vamos fazer isso, claro. Pode escolher a cor das paredes que eu pinto. Você tem uma cor preferida?”

“Não, obrigado”, Edward responde.

Ele vira e sai devagar do quarto, então desce a escada. Nesta noite, Edward dorme — ou, mais precisamente, não dorme — no sofá da sala. Ele odeia o fato de ter saído do hospital. Não antecipou a sensação, e sente que é impossível antecipar qualquer sensação agora. Aparentemente, o hospital, com os bipes dos aparelhos, a rotina e o desfile constante de profissionais da saúde, era o que o mantinha firme. Seu corpo agora dói de outro jeito; a insensibilidade se extinguiu. Ele consegue sentir a peça de metal que substitui parte da tíbia, e a pele parece estranha e áspera ao toque. Seus cabelos — que não têm nem terminações nervosas — de alguma forma doem. Às duas da manhã de

Shay assente de leve. “Ele acenou para mim e então pulou do alto do carro.”

“*Dios mío*”, Besa solta.

“Ah”, Lacey diz, então faz uma pausa. Num tom diferente, continua: “Eu lembro. Ele machucou o joelho... Não quis contar o motivo, mas dei um saco de ervilhas congeladas para ele colocar em cima.”

Edward não se lembra de nada disso. Não se lembra de Jordan ter ido lá fora sem ele. Não se lembra das ervilhas congeladas, nem dessa menina, nem do irmão mancando. Ele sente como se algo se partisse dentro de seu peito, como se ossinhos se quebrassem. Por que não consegue se lembrar?

“Não parecia que tinha se machucado”, Shay diz. “Alguém o chamou logo depois, e ele voltou aqui para dentro.”

Ela afasta a cadeira e dá um beijo na bochecha da mãe. “Tenho que ir, *mamá*. O ônibus vai chegar a qualquer minuto.”

“*Que tengas un buen día.*”

“*Adiós*”, Shay diz e vai embora.

Edward toma outro gole de café por causa do caroço em sua garganta. Ele tosse, com o guardanapo na boca. Sabe que Lacey quer que ele coma, mas é como se houvesse um campo de força em volta da comida, que ele não consegue penetrar — parece impossível transpor o cheiro e a solidez. Edward volta para o sofá. Lacey liga a TV, mas ele não consegue focar nas imagens. Então fica ouvindo o zumbido da conversa das mulheres na cozinha. Quando passa pela porta, no caminho para o banheiro, ouve a tia dizer: “Em vez de um bebê, um menino de doze anos”. Edward mantém os olhos nos pés, para garantir que não vai cair.

Quando o céu escurece e John chega em casa, Edward volta para a mesa da cozinha. O tio bagunça o cabelo dele; Lacey coloca uma colherada de purê de batata com manteiga no prato dele e diz: “Por favor, Edward”.

água. Suas muletas ficam pegando no carpete. *Por que alguém faria um carpete assim fofo?*, ele pensa.

Besa diz: “Vou ligar para Lacey, para avisar que você está aqui”.

“Só quero deixar registrado que isso é e-s-q-u-i-s-i-t-o”, Shay diz.

Quando Besa sai do quarto, Edward já está dormindo.

Ao acordar, a luz branca é tão forte que ele só consegue piscar. Edward não sabe, enquanto pisca, quem é, o que aconteceu ou onde está. É só quando sua visão se acostuma e seu cérebro se acalma que ele percebe que está sozinho no quarto de Shay. Tem um cobertor verde sobre suas pernas. Edward sabe que está sozinho na casa; as paredes, a porta aberta, tudo sugere vazio. Ele só fica ali sentado, por um bom tempo.

Quando bate na porta da casa ao lado e a tia a abre, Edward pergunta: “Está brava comigo?”.

Ela o olha de um jeito engraçado. “Não acho que possa ficar brava com você”, Lacey diz. “Entra e descansa um pouco. Você tem consulta à tarde.”

Edward se senta no sofá, e Lacey o ajuda a apoiar a perna machucada numa pilha de travesseiros sobre a mesa de centro. Algo ocorre a ele, que diz: “Estou prendendo você? Quer dizer, você tinha que estar no trabalho mas não pode por minha causa?”.

Ela ajeita os cantos dos travesseiros em que seu pé está apoiado. “Não. Eu tinha um emprego, mas saí quando engravidei”, ela disse. “Tinha que ficar de repouso. Isso foi no ano passado.”

“Ah.”

Lacey olha em volta, e Edward pensa: *Esse era o lugar dela*. Tem revistas embaixo da mesa de centro. As que estão no campo de visão dele são todas sobre gravidez ou bebês. A tia tinha passado os dias sozinha ali, planejando engravidar ou tentando manter a gravidez. O clique recomeça, e Edward deseja poder se levantar e deixar aquele

10h02

O avião pesa setenta e três toneladas e meia. A envergadura das asas é de trinta e oito metros. Ele é feito de chapas de metal, extrusões, peças fundidas, lingotes, parafusos e longarinas. Tem trezentas e sessenta e sete mil partes individuais e levou dois meses para ser construído; é necessário 1,246 milhão de newtons de empuxo para propelir esse ônibus no céu.

Bruce olha para a janelinha além de Eddie.

“Eu tinha mais ou menos a sua idade quando andei de avião pela primeira vez”, ele diz. “Fomos para o funeral do meu tio, que eu nem conhecia. Quando eu vi como as nuvens pareciam do céu, só queria sair do avião e dançar nelas.”

Eddie olha para o copo de suco de laranja. Parece irritado, mas não está irritado de verdade. Bruce notou que, conforme Jordan se torna um adolescente mais combativo, o irmão tenta projetar raiva, irritação ou indignação similares, em determinados momentos. Mas Eddie não é muito bom nisso; nem seu coração nem seus hormônios estão preparados.

“É a minha terceira vez num avião, pai”, Eddie diz.

Agora, Bruce pensa, quero entender a composição das nuvens. Quero que elas sejam contidas e compreendidas. Quando essa mudança aconteceu? Quando passei de querer dançar para querer anotar dimensões num caderninho? Ele pensa na adolescência: seu eu de treze anos, uma versão mais tímida do menino de doze anos. A cada ano, mergulhava mais fundo no desconforto e no silêncio. Mas houve uma onda de

Diretamente do lado oposto ao corredor dos Adler, Benjamin devolve a revista grátis ao bolso na poltrona da frente. Tenta mudar de posição, mas não há espaço suficiente para isso. Está desconfortável; a lateral do corpo dói, onde o saco está preso à pele. Depois da cirurgia, os remédios foram o único lado bom das semanas que passou no hospital. Benjamin nunca havia tomado nada mais forte que ibuprofeno, mas, enquanto o enchiam de remédio para dor durante o dia e remédio para dormir durante a noite, sua existência se resumiu a uma névoa deliciosa. Ele pensava na briga com Gavin, mas seus pensamentos não estavam ligados à realidade. Assistia àquilo como a uma peça: um homem negro enorme rodeando um branco loiro magrelo.

Aquele voo, o último no caminho de volta, o tinha despertado, infelizmente. Ele não estava sob efeito de remédios, e o retorno à sobriedade faz com que se sinta dolorosamente consciente de cada detalhe do corpo e de cada pensamento na cabeça. Tem flashes de pânico, e chega a pôr a mão na cintura para verificar se está armado. Como vai se suportar o tempo todo?

Mandaram-no de volta a Los Angeles para outra cirurgia, e depois vão lhe dar um trabalho administrativo. Não pode mais ir a campo. Agora que não há mais drogas em seu corpo, Benjamin se pega torcendo para morrer na próxima mesa de operação. Seria melhor, muito melhor, do que ficar preso a uma escrivaninha todos os dias. Além disso, ele é um desconhecido para si mesmo agora, e não tem certeza de que esse desconhecido mereça viver.

As nuvens do outro lado da janela estão um tom mais escuras que antes. Parece mais escuro dentro do avião também, cheio de lembranças de meninas de lábios macios, mães que estão sempre sonolentas, meninos adolescentes tímidos e punhos em choque. Flórida quase pode

esfregões e um galão de um produto de limpeza com cheiro forte; ambos fizeram uma pausa assim que entraram, e Benjamin cerrou os dentes. Quando ele olhou para Gavin, viu a mesma determinação em seu rosto. Começaram a trabalhar, e depois de três horas tinham deixado o banheiro limpinho.

“Caralho”, Gavin disse, então, coberto de suor e sujeira. “A gente conseguiu.”

Ele levantou o punho fechado para Benjamin, que bateu com o próprio punho fechado no dele, sorrindo.

“Conseguimos mesmo!”, ele disse.

Os dois ficaram amigos naquela noite, ainda que não fosse nada de mais — só legal, e legal já significava alguma coisa para Benjamin. Eles tinham conversas de verdade, na maior parte das vezes porque Gavin fazia perguntas a Benjamin e parecia interessado nas respostas. Benjamin contou que mal se lembrava dos pais e que Lolly não era sua avó de verdade — ela o havia encontrado numa escada quando tinha quatro anos e tomara conta dele desde então. Gavin contou a Benjamin que seu pai queria que permanecesse com sua clínica odontológica, mas que dentes faziam com que ficasse nauseado, então entrara para o Exército para escapar do futuro que lhe fora definido antes mesmo que nascesse.

Gavin era amigo de todo mundo, então a relação dos dois era uma parte pequena de sua vida militar, mas era uma parte grande da vida militar de Benjamin. Gavin gostava de fumar um — havia semanas sem nenhuma atividade na base, e em períodos de tédio o capitão fazia vista grossa para coisas como maconha e video games —, e quando fumava contava piadas inocentes, que um menino de nove anos contaria. Benjamin nunca fumava, mas ficava sempre por perto quando o amigo fumava, e ria histericamente, enquanto os outros caras reviravam os olhos.

“Voldemort matou os pais do Harry, mas não conseguiu matar ele, que era só um bebê. Ninguém entendia como era possível. E o fato de Harry ter sobrevivido assustou muita gente. As pessoas surtaram.” Ela pisca, por detrás dos óculos. “Ouvi um médico na TV dizendo que as chances de sobrevivência à queda do seu avião eram de zero por cento.”

Edward engole em seco. Como um aluno aplicado, segue a linha de pensamento dela. Voldemort equivale à queda do avião. Pais mortos equivalem a pais mortos. Harry equivale a ele.

“Meu tio disse que acham que sobrevivi por causa da posição da minha poltrona em relação à fuselagem, e porque ela foi lançada para longe dos destroços...”

Shay balança a cabeça negativamente.

Edward fica olhando para a menina: seus óculos, sua covinha, sua expressão determinada.

“Você ficou com alguma cicatriz?”

Sim. Tem uma horrível, que se estende pelo meio de sua canela esquerda. Edward levanta a perna da calça. A linha é irregular, rosada, com volume.

“Que nojo”, Shay diz, parecendo encantada. “Então você também tem uma cicatriz como o Harry Potter. E seus tios ficaram com você. Fora que lembra como a tia Petúnia tinha ciúmes da irmã que era bruxa? Lacey também tinha ciúmes da sua mãe. Minha mãe me fez ir ficar com sua tia quando ela ficou de repouso no ano passado, e ela ficava se gabando das conquistas da sua mãe, só que com uma voz meio triste.”

Há uma janela escura atrás da cabeça de Edward, e ele consegue sentir o silêncio no gramado e na rua. Quando passam carros, parecem se esgueirar, como se tivessem medo de atropelar uma criança ou um animal. Ele se sente levemente nauseado ao considerar as palavras dela. Ou talvez seja a animação de Shay que o deixa enjoado, como se

“Quero que saiba que fico feliz que goste de Shay. Ela nunca teve um amigo de verdade. Ter que ser sempre educada a cansa, assim como acontece comigo. Tento fazer com que ela diga as coisas que se espera de uma menina, mas...” Ela suspira. “Não faço isso de coração. Ela nunca gostou de bonecas. Sempre acaba insultando as pessoas. Costumava se meter em brigas de socos com as outras meninas. Provavelmente deixei que ela ficasse sozinha com seus livros mais do que deveria. Ela é um pouco solitária.”

Edward diz: “Eu gosto dela”. Muito embora *gostar* não tenha nada a ver com aquilo. Shay é como oxigênio. Edward não *gosta* de oxigênio; precisa dele.

Besa dá um passo para o lado. “Só quero dizer que você não precisa se sentir grato por nós. Você tem sido uma bênção. Desde o começo eu soube que você ia ajudar sua tia. A pobre Lacey estava ficando doente tentando ter um bebê. Agora ela tem alguém de quem cuidar.”

Edward quase balança a cabeça em negação, mas acaba não se dando ao trabalho. Ele sente que sua chegada fez o oposto de ajudar a tia; sua sobrevivência interrompeu Lacey, e agora ela tem que lutar ao lado dele. Às vezes, o rosto da tia parece tão triste quanto os sentimentos de Edward, e às vezes ele percebe a raiva que ela sente de John tão claramente quanto um raio caindo numa sala. Outras vezes, ela se agarra ao marido quando ele volta do trabalho, como uma criança pequena faria com o pai ou com a mãe. Edward é uma grande confusão, então reconhece que Lacey também é. E reconhece que ele próprio é parte da confusão dela.

Edward pensa no quarto com os livros sobre bebês e a cadeira de balanço. Seu corpo expressou um gesto automático de afastamento quando entrou ali no primeiro dia. Teve vontade de sair na mesma hora, sabendo de alguma forma que aquelas quatro paredes não suportariam o luto de Lacey e o dele também. Filhos que nunca tinham nascido, e pais

maioria das regras para as crianças não têm nada a ver, só servem para os adultos sentirem que têm poder sobre a gente. A monitora nem me deixa ler durante o almoço. Ela diz que é porque é uma atividade antissocial, mas acho que é porque na verdade ela é Joseph Goebbels.”

“Quem é esse?”

“Um nazista. Queimava livros.” Shay volta sua atenção para o bloco de notas e escreve algumas frases.

Edward a observa escrevendo no bloquinho todas as noites. Suspeita que toma notas a respeito dele e de seus poderes mágicos em potencial, mas tem medo de perguntar se é verdade. Ele olha para a perna machucada enquanto espera que as anotações cessem. Perguntou a Shay sobre o curso porque sabe que é o tipo de coisa que as pessoas perguntam às outras. *Como foi seu dia? Como você está?* Mas pareceu idiota ao perguntar, e ela pareceu irritada ao responder, e ele sente outra conversa, esquisita, transcorrendo por baixo, numa língua que não consegue compreender direito. Tem a ver com magia, a idade deles, a falta de amigos dela, as variações emocionais, a queda do avião e o que quer que Shay esteja escrevendo.

Quando ela para, diz: “Percebo todos esses seus olhares céticos”.

Ele tenta parecer inocente: “Oi?”.

“Não adianta. A verdade é que sou capaz de ver coisas que os adultos não veem. O que significa que vou conseguir ver o que se passa na sua cabeça antes de qualquer outra pessoa.”

O ar no quarto parece se comprimir, como se a eletricidade da conversa secreta e a eletricidade da conversa real tivessem se alinhado por um momento.

O verdadeiro Edward — não o que está sempre tentando expressar a fala “certa” no diálogo — diz: “Você vai ficar decepcionada quando perceber que sou um menino normal”.